

O Caso Cantareira



- Para onde vamos agora? - Fabio insistia em tentar tirar seus colegas do sério.

Hans sequer se importou com o comentário do colega. Estava aprendendo aos poucos a ignorar as idiotices que Fabio pronunciava, ora para descontrair o ambiente, ora para extravasar sua agonia. O ex-delegado anti-sequestro, mesmo trabalhando no D.E.I.S., que investiga acontecimentos fora do comum, era incrédulo quando o assunto era paranormal. Na primeira missão, quando confrontaram um lobisomem em um condomínio de luxo, havia passado boa parte do confronto com a criatura desacordado, cabendo a seus colegas resolver a situação.

Raquel estava em silêncio. Após dois dias de folga para entender o caso anterior, sentia-se mais preparada para os desafios que, tinha certeza, viriam em seu novo cargo. Já aceitava o fato que sua vida talvez sofresse mais riscos do que antes, quando era “apenas” uma policial civil. Hans a havia orientado para não duvidar mais, não pensar no impossível, e nem de buscar o porquê dos acontecimentos - eles aparecem e ponto. O objetivo do grupo não seria limitar ou censurar o que não é de conhecimento da população, e sim evitar que machuquem as pessoas. Desta forma, somente chegaram ao caso do lobisomem pelas vítimas, e não pela sua causa.

Já Fabio ainda não se sentia à vontade naquela situação. Contava os casos que havia resolvido em seus detalhes, para ganhar confiança, mas só importunava seus colegas. Tanto que Hans decidiu antecipar a apresentação do caso, mesmo ainda estando no carro em movimento.

- Estamos indo para Guarulhos. Há relatos de que um objeto caiu em uma das casas ao pé da Serra da Cantareira. Nós vamos investigar isso.

- Cantareira, não foi lá que os Mamonas Assassinas morreram? Talvez os fantasmas deles estejam assustando os moradores de la...

Com um grito, Raquel pos fim à piada. Ao pararem em um posto na estrada, Hans teve uma conversa a sós com Fabio.

- Você não é obrigado a estar aqui. Pouco ajuda nas investigações, faz comentários fora de hora. Se não quer nos auxiliar, não nos atrapalhe, shit.

Fabio ficou em silêncio ouvindo o sermão do irlandês. No fundo, acreditava que seus colegas não podiam ser levados a sério, que as coisas que estavam investigando não existiam. Devia ser algum teste do Governador para um novo cargo, afinal, sua atuação na divisão anti-sequestro o credenciava a uma promoção.

- Neste caso, não atrapalharei. Vou pegar um táxi. Estarei na base, caso precise.

XXX

Hans e Raquel chegaram à casa para fotos e questionário com os donos. Foram recepcionados pelo casal dono da propriedade, que se parecia com uma chácara, de estrutura simples. A casa era pequena, com dois quartos, um banheiro, sala e cozinha. O quintal era muito grande, tinha um pomar, uma horta e um casebre, onde o dono alegou guardar ferramentas para agricultura. Hans insistiu para verificar o local, mas foi impedido com certa rispidez. Desta forma, concluíram o trabalho naquele local, e deixaram a chácara, sob olhares pouco amigáveis.

Já no carro, Hans percebeu ser seguido por um outro carro, mas ficou em silêncio para não deixar Raquel em alerta. Ela havia reclamado de uma dor de cabeça muito forte enquanto estavam na chácara, especialmente quando foram perto do casebre misterioso, por isso estava em silêncio e com os olhos fechados.

Quando o carro que seguia os agentes deu sinal, Hans encostou em uma calçada. O outro parou bem atrás, de onde desceu um homem de terno e gravata.

- Bom dia, vocês são da polícia? - o homem perguntou.

- Sim, o que deseja?

- Sou filho do casal que vocês acabaram de visitar. Gostaria de conversar um pouco.

Por conta da simpatia do rapaz, fazendo um contraponto à rispidez dos donos da chácara, Hans aceitou conversar alguns minutos. O papo foi

produtivo, o engravatado revelou que viu uma luz descer na propriedade do casal quando estava nas redondezas e, desde então, eles mudaram radicalmente de comportamento. Eram alegres e solícitos, e se tornaram frios e grosseiros. Os vizinhos cortaram os contatos, a família não os visitava mais. Por fim, o garoto se mostrou à disposição para futuras conversas, queria ver o caso solucionado.

Hans queria voltar imediatamente à chácara, para ver exatamente o que estava acontecendo. Vasculharia cada canto, entrevistaria os donos com mais profundidade e invadiria o casebre, se necessário. Mas Raquel não quis, alegando estar com a dor de cabeça em um estágio insuportável. Desta forma, ela talvez atrapalhasse a investigação e não auxiliaria em um possível confronto físico. O estrangeiro concordou, e foram a um hotel na região central da cidade.

Após chegar ao quarto, Hans deixou um recado no celular de Fabio. Dizia para o agente ficar atento a uma possível emergência, e que talvez precisasse de ajuda. O ex-delegado riu quando ouviu a mensagem.

XXX

No dia seguinte, Raquel estava completamente curada da dor de cabeça. Hans fez questão que a moça tivesse alimentação e descanso adequados, pois voltariam naquele dia mesmo para a chácara. Alertou-a também sobre o aviso que deixou no celular do Fabio, para que ela entrasse em contato com o colega caso necessário. Feito isso, carregaram suas respectivas armas, e rumaram ao pé da serra.

Ao se aproximarem do local, Raquel já sentia sua cabeça latejar novamente, mas preferiu esconder isto de seu companheiro. Hans estava concentrado em desvendar aquele mistério, desmascarar o casal e dar um parecer a seus superiores sobre as atividades do D.E.I.S. de São Paulo naquela região.

Os dois agentes foram recebidos com gritos e ameaças do casal de idosos. Sem se importar, Hans andou em direção ao casebre, mas foi empurrado pelo dono da propriedade. Neste momento, Raquel sacou a arma e deu voz de prisão a ambos que, desolados, se ajoelharam e começaram a chorar, implorando para que a porte não fosse aberta. Hans, já de pé, limpou sua camisa com alguns tapas e abriu a porta de madeira do local misterioso. Ao abrir, Raquel caiu com as mãos na cabeça, gritando de dor.

Sem se importar com a colega, Hans ficou paralisado com o que viu. Uma fuselagem de cor prateada, um tanto amassada, em forma de disco. Ao fundo da barraca, uma cama de hospital, com um lençol

coabrindo uma figura que, ao olhar rápido, parece de uma criança. Aproveitando a distração do irlandês, o casal de idosos atacou-o, mas levaram desvantagem no confronto. Novamente em pé, Hans correu para a maca, e tirou o lençol. Viu a figura de uma menina ruiva, com algumas sardas no nariz, de olhos fechados, como se dormisse tranquilamente.

- Não pode ser – Hans levou as mãos ao rosto. É a minha filha!

O investigador afastou-se a passos lentos, incrédulo com a situação. Raquel, mesmo ainda com muita dor, começava a levantar. Viu o casal de idosos desmaiado no chão e olhou ao redor, além de seu superior chorando muito. Sua cabeça parou de doer repentinamente, quando ouviu um grito de um homem. Era o filho do casal, que se aproximava com as mãos na cabeça, da mesma forma que ela estava há dois segundos. Mas os gritos se acalmaram, o que viu foi um olhar estranho vindo do rapaz.

- Hans, cuidado!

Mesmo com o alerta de Raquel, o irlandês não conseguiu desviar do ataque do filho do casal. Derrubado, levou alguns socos até que seu agressor fosse imobilizado por Raquel, que o tirou de cima de seu colega, e iniciou uma troca de socos. Hans só teve tempo de pegar seu celular e ligar para Fabio. Após uma chamada, foi a vez de o experiente agente ser domado por uma dor forte em seu cérebro. Neste mesmo momento, o rapaz que lutava com Raquel ficou imóvel, de repente, o que permitiu a ela derrubá-lo.

Agora Hans chorava de dor na cabeça e pela imagem da filha. Estava praticamente fora de combate, agachado e com as mãos na cabeça. Restava a Raquel enfrentar a criatura. Ela não havia entendido como o estrangeiro vira sua filha na cama, pois o que via era uma figura marrom, com olhos vermelhos, sem pelos, e totalmente imóvel. A agente sacou a arma e apontou para o ser estranho. “Deixe Hans em paz”. Nada aconteceu, o irlandês continuava a gritar de dor. “Deixe ele agora!” e disparou. O tiro pegou de raspão na criatura, que soltou um grito em um tom jamais ouvido por ela. No mesmo instante, a fuselagem ao lado da criatura teve suas luzes acesas, e novamente um barulho estranho, de baixo volume, mas de incômodo enorme, pôde ser ouvido. Isso fez com que Raquel tivesse forças apenas para tirar Hans da barraca, e cair com as mãos nos ouvidos.